

SOCIEDADES INDÍGENAS: Reflexões sobre o “encontro” cultural entre índios e europeus e o caso Xokó em Sergipe¹

Eduardo Augusto Santos Silva²
Pablo Renan Silva Campos³

RESUMO: O presente trabalho analisará o “encontro” cultural entre os primeiros habitantes da América e os europeus, a fim de discutir os reflexos e/ou consequências do relacionamento entre esses povos. Utilizaremos reflexões acerca de conceitos antropológicos, como o de cultura, expresso por autores como Roque de Barros Laraia, Alcida Ramos e Aracy Lopes da Silva. Abordaremos também como as atuais sociedades indígenas, no geral, lidam com os problemas herdados a partir desse “encontro” que, grosso modo, uniformizou a grande diversidade cultural das sociedades indígenas. Para tanto utilizaremos o documentário “Pluralidade Cultural: uma experiência indígena no Brasil” de Vincent Carelli produzido pela TV Escola associado a uma análise da atualidade do único grupo indígena oficialmente reconhecido em Sergipe, os Xokó.

Palavras-chave: Sociedades Indígenas – Encontro Cultural– Xokó.

I - Introdução

“O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural”⁴.

Tomando a assertiva do antropólogo Roque de Barros Laraia no livro “Cultura: um conceito antropológico”, vemos que uma das características comum a todas as culturas é possuir uma visão etnocêntrica de si mesma em relação às demais. Enquanto apenas temos contato com indivíduos do nosso grupo cultural tendemos a ver os nossos costumes como “os corretos”, os únicos que são “possíveis” e que fazem “sentido”. A princípio, não há como evitar esse tipo de pensamento porque nos encontramos “presos” em nossa própria cultura e apenas conseguimos enxergar o mundo através das lentes culturais que está nos concedeu. Não obstante, quando nos encontramos com alguém de outra cultura e passamos a experimentar seu estilo de vida podemos começar a entender que nossos hábitos, antes vistos como “os certos”, são somente construções culturais, escolhas feitas por nosso povo, que não são nem melhores e nem piores que as dos demais povos, mas apenas escolhas diferentes.

Diante disto, esse trabalho visa discutir como ocorre um “encontro” entre dois povos com culturas distintas. E a partir daí analisaremos como esse “encontro” alterou a dinâmica das sociedades indígenas através de um exemplo da atualidade: Os índios Xokó. Embarcaremos juntos nessa “viagem” rumo a dois mundos simbólicos diferentes, mas antes

preparemos nossa bagagem com algumas reflexões “culturais” para evitar uma análise anacrônica e/ou preconceituosas tanto dos indígenas quanto dos europeus.

II - “Por mais longe que viajemos, nunca conseguiremos nos livrar de nós mesmos”⁵

Os seres humanos possuem uma capacidade de ampliação cultural infinita e compartilham dos mesmos processos orgânicos básicos, independentemente, de suas origens ambos têm as mesmas necessidades biológicas, que não tem relação direta com a cor de sua pele, altura, tipo de cabelo ou nenhuma outra característica fenotípica humana. Então, ao viajar para um local desconhecido e se encontrar com pessoas que nos são “estranhas” não haveria problema algum de relacionamento já que teríamos a mesma base biológica? Errado, pois os seres humanos têm necessidades muito além das biológicas que foram criadas por e na cultura a qual pertencem. Já que “a cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.”⁶. Logo, um encontro com um povo diferente não é um mero encontro entre “animais”, mas um encontro cultural.

Ao partirmos em uma viagem costumamos selecionar objetos que serão necessários durante o período no qual estaremos longe da nossa residência, nosso “universo particular”, esses objetos são nossos bens culturais materiais. Alguns desses servem para nos auxiliar em várias atividades, a exemplo de uma faca que pode ter diversas utilidades, outros servem apenas de lazer como um livro ou até de adornos como uma pulseira. Então, pensemos o que simbolizaria para uma sociedade indígena pré-colombiana um crucifixo levado por um português católico para sua aldeia. Será que este seria visto como um símbolo do cristianismo? Será que este seria considerado um bem essencial para ser carregado em uma viagem realizada pelos indígenas? Dúvidas como essas podem ser esclarecidas se considerarmos que cada um desses objetos culturais, por mais que sejam tangíveis, são também portadores de imaterialidade, pois possuem um simbolismo que foi construído culturalmente, e, muitos desses objetos que consideraríamos essenciais e levaríamos em uma viagem podem não apresentar sentido na cultura do povo ao qual visitaremos.

É curioso pensar que por mais que nos esforcemos para separar cuidadosamente item por item que será colocado na bagagem não se tem a opção entre escolher ou não levar a herança cultural na mala, pois, “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo.”⁷. Assim, mesmo que fossemos sequestrados, privados de todos os nossos bens materiais e mantidos como prisioneiros de um povo estranho, manteríamos nossa essência cultural guardada em nossa mente e, inevitavelmente, seria por esta que nos basearíamos para

conhecer o modo de ser dos nossos sequestradores. Os filmes *Como era gostoso meu francês* (1971)⁸ e *Hans Staden* (1998)⁹, demonstram que mesmo quando os personagens principais ficaram isolados do seu grupo cultural mantiverem seus traços culturais, e no caso do Hans Staden conseguiu escapar do ritual de antropofagia porque usou elementos de sua cultura, como a cruz de madeira, para “re-significar” o universo mental dos indígenas, adquirindo um *status* de ser espiritual naquele grupo.

III - A mentalidade dos europeus e o particularismo dos povos já habitantes do “novo mundo”

A Europa durante o século XV passava por um período de transição, aflorando paulatinamente mudanças na forma de sociabilidade, com o desenvolvimento de novos padrões, necessidades, dentre outros. Isto pode ser percebido num momento em que se enfrentavam várias crises de subsistência, de fome, de busca de novos terrenos, especiarias, de ouro e o fortalecimento dos Estados Nacionais. Esses também são os motivos apontados para iniciar as grandes navegações, além da efervescência do mercantilismo e as bulas papais que davam autoridade aos reis para atacar, conquistar e submeter pagãos e outros inimigos de Cristo, e, por sua vez, transformá-los em escravos. Além de transferir as terras, para o poder do rei e seus sucessores, e evangelizar nas regiões mais remotas, ou seja, o desejo de tornar conhecido e adorado o nome de Cristo era cada vez mais eminente. Havia um novo ideário e necessidades de conquistar novos territórios, mas ainda estava arraigado entre os europeus um imaginário medieval. Uma película que expressa isso é o filme de Ridley Scott, “1492: a conquista do Paraíso”¹⁰, onde se mostra a figura de Cristóvão Colombo numa tentativa “desesperadora”, pedindo ao clero e a rainha Isabel de Castela permissão para iniciar sua navegação, chegando a alegar que ia fazer uma nova cruzada para justificar a empreitada, trazendo um retorno econômico e levando civilização para os novos povos encontrados, logo, a religião se tornaria um elemento legitimador da colonização.

No tocante as sociedades indígenas, havia sim as disputas entre os grupos, porém, diferentemente dos europeus que passavam por várias mudanças, encontravam-se mais estável, vivendo sobre o meio que eles modificavam, e, sobremaneira, sofriam influências. Cada aldeia, com suas respectivas estruturas, crenças, hábitos, mitos de origem, relação com a fauna e a flora, tendo uma relação especial com a terra, entre outros. Todavia, não foi isso que aprendemos nas escolas e até hoje se difunde como se verifica no documentário “Pluralidade Cultural: Uma experiência indígena no Brasil”¹¹, a figura do índio, no imaginário popular,

ainda aparece como algo uniforme: usando flechas, sempre pescando, pintado, dançando, aglomerados nas ocas e descansando. Para tal pensamento a antropóloga Alcida Rita Ramos faz a seguinte ponderação: “tudo indica, pois, que a conquista européia, produziu uma certa uniformização cultural, destruindo, embora parcialmente, a grande diversidade que há quinhentos anos atrás existia na América do Sul”¹².

Contrariando a soberba de várias pessoas que escreveram sobre os índios de forma preconceituosa, notemos que há uma complexidade cultural bastante expressiva naquelas sociedades como: a importância e a posse da terra de maneira coletiva, as noções de trabalho e lazer, a produção voltada para a subsistência e não de excedente, o saber-fazer da produção, o consumo coletivo, a cerimônia de casamento, o controle social e a noção de acumulação que não existia são pontos importantes a se frisar porque trata de alguns termos e noções dos “brancos” que não cabe na dinâmica cultural destes, mas que foram inseridos na compreensão e estudos das sociedades indígenas.

Portanto, é necessário fazer uma reavaliação, percebendo que os índios sempre tiveram história, mesmo antes da chegada dos europeus, e mais, ainda hoje, apesar da dizimação e do processo de aculturação. A cultura brasileira além de ser fruto da miscigenação do contato cultural entre africanos e europeus, também possui traços marcantes da cultura indígena que tanto contribuiu com sua diversidade e ensinamentos.

IV – O “encontro” com o outro

Ao chegarem à América, os europeus se depararam com uma realidade “nova”. Com um sistema simbólico e de significados (crenças, hábitos, valores, entre outros), que diferia bastante do sistema dos povos que aqui encontraram, mas que foram usados como lentes para comparação das novas culturas encontradas. A partir daí, vieram nomeações de territórios, de rios – tentativas de conhecer o “outro” por meio de seus próprios códigos linguísticos – buscando encontrar os elementos que na sua cultura eram considerado importante, a exemplo do ouro, entre outros. Tais comportamentos não foram exclusivos dos europeus, pois os nativos também se depararam com o “novo”, tão diferente e misterioso, o que muda é a forma de percepção e a aceitação ao “choque cultural”, enquanto os indígenas acharam que os brancos eram deidades, os europeus os viram como selvagens e incivilizados que deviam ser convertidos, características essas, fruto da visão etnocêntrica que as culturas estão sujeitas.

Araci Lopes da Silva na obra “Índios” coloca que há “a tendência a tomar a própria cultura (significados, valores e regras), como padrão para julgar todas as outras”¹³.

Consideramos a definição do verbo “encontrar” como “passar a conhecer ou ter a consciência de”¹⁴ como significativa para entender esse “encontro”. De fato, as sociedades indígenas já existiam antes da chegada dos europeus na América, porém, ambas as sociedades não tinham a consciência da existência umas das outras. Mas, quando esses “dois” se encontraram iniciou-se um processo de “estranhamento” e, assim, tanto os europeus quanto os indígenas passaram a conhecer melhor a sua própria cultura à medida que conheciam a do “outro”, pois:

(...) aquilo que tomávamos por natural em nós mesmos é de fato, cultural; aquilo que era evidente é infinitamente problemático. Disso decorre a necessidade daquilo que chamarei de “estranhamento” (dépaysement), a perplexidade provocada pelo encontro das culturas que são para nós as mais distantes, e cujo encontro vai levar a uma modificação do olhar que se tinha sobre si mesmo. A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nós é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. O menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”... O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos reconhecer especialmente que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.¹⁵

Diante disto, tanto os europeus, quanto os indígenas mostraram-se etnocêntricos em relação ao “outro”. A priori, apesar das diferenças, o contato se deu relativamente pacífico, houve alguns conflitos, mas não de forma generalizada, pois, cada contato teve suas especificidades. No âmbito geral houve uma fase de conhecimento, de encanto pelo diferente, os nativos ficaram impressionados com as roupas, com os colares, espelhos dos “brancos”, assim como este se encantaram com a “nova” fauna e a flora. Era o paraíso terreal, foi um período de troca de bugigangas por aves e madeira. Percebemos que devido ao fato das culturas serem dinâmicas por natureza, esse intercâmbio permitiu uma intensa troca cultural entre os “conquistados” e os “conquistadores”, ocorrendo o chamado “difusionismo cultural”, pois, “a partir de determinados centros, a cultura se irradiou, sendo assimilada das mais diversas formas, de acordo com a situação histórica concreta de cada povo”¹⁶.

No entanto, não demorou muito tempo para que o europeu, imbuído de seus códigos culturais, “justificasse” a sua “superioridade”, vindo a explorar terras em busca de metais preciosos, obrigando os nativos a trabalharem para eles e alterando dois pilares fundamentais de suas culturas, que são a linguagem e a religião, isto é, trataram logo de “evangelizá-los” em

nome da civilização e de Deus. Os “indígenas” até tinham a vantagem de conhecer profundamente seu o território, podendo se proteger melhor, inclusive os conflitos foram acirrados, violentos e com saldo de muitas mortes, mas devido à inferioridade bélica e a baixa resistência imunológica, às doenças trazidas pelos europeus, às sociedades indígenas entraram em colapso.

V - A uniformização das culturas: a construção do estereótipo do “outro”

As sociedades indígenas possuíam muitas semelhanças, embora fossem bastante diferentes, pois “não há duas sociedades indígenas iguais”¹⁷. Baseando-se na obra *Sociedade indígena* (1986) da Alcida Ramos, os povos que viviam na América pré-colombiana podiam ser divididos em dois grandes grupos: as sociedades das altas culturas americanas – correspondendo aos povos que habitaram a América Andina, nas quais apresentavam uma organização social centrada em núcleos urbanos, a exemplo dos Maias com suas cidades-estados, dos Astecas e sua confederação e dos Incas com seu Império, as outras sociedades são as das baixas culturas americanas – correspondendo aos povos que habitaram a América não-andina, a exemplo dos Tupinambá e dos Tapuia. Ambos os tipos de sociedades indígenas apresentavam uma estrutura social bastante organizada. Porém, “a invasão européia teve o efeito de erradicar muitas das diferenças sociopolíticas que existiam antes do século XVI”¹⁸.

Os desdobramentos desse “encontro” entre europeus e as sociedades indígenas provocaram a criação de um estereótipo para todos os indígenas, além da diminuição das populações indígena e da escravidão a qual foram submetidas, das perdas de terras, e desde aquele momento, do simbólico processo de aculturação que perdura até os dias atuais, gerando discussões, disputas e preconceitos.

Ainda fruto do “estereótipo de preconceitos” construído, muitas pessoas – mesmo universitários recém ingressos em áreas humanas ou outros de áreas exatas – só conseguem reconhecer a figura de índio numa aldeia com vestes típicas, penas, arco, isto é, não percebem que toda cultura é dinâmica, passa por transformações e a toda momento está adquirindo outras formas culturais e/ou se readaptando com novas formas de expressões. Assim, não é de se estranhar que os grupos indígenas existentes atualmente não apresentem suas características culturais tradicionais totalmente preservadas, como no caso particular dos índios Xokó, que habitam o território de Sergipe, em terras próximas ao município de Porto da Folha (sertão do Estado).

Projetos desenvolvidos pelo Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa através do GPCIR (Grupo de pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades), como a viagem de estudos “O sertão tem histórias” realizada entre os dias 14 e 15 de abril de 2012 no sertão sergipano e o seminário “Índios em Sergipe e índios Xokó (hoje)” desenvolvido entre os dias 19 e 20 de abril de 2012 na Universidade Federal de Sergipe, trazem a tona à realidade do povo Xokó e fomentam a produção de trabalhos acadêmicos como este.

Segundo as discussões do ex-Cacique Apolônio Xokó, em mesa-redonda intitulada “Identidade e Luta do Povo Xokó”, realizada no seminário já citado no dia 20 de abril, observamos que a trajetória desse grupo, que é a única tribo indígena oficialmente reconhecida no Estado de Sergipe, foi marcada pela violência do colonizador europeu, pelas missões religiosas (Missão de São Pedro de Porto da Folha) e, posteriormente, por uma desapropriação ilegal de suas terras no século XX, as quais, haviam sido doadas pelo Imperador D. Pedro II quando o mesmo visitou o grupo em meados do século XIX. Devido a essa desapropriação, os Xokó se dispersaram pela região e perderam boa parte das características tradicionais que ainda possuíam. Contudo, recuperaram a posse de suas terras no final do século XX quando foi encontrado um documento oficial assinado por D. Pedro II demarcando as suas terras. Assim, ressaltamos a importância de pesquisas, e projetos de extensão acadêmica, em favor da defesa dos direitos de sociedades indígenas.

Vemos que os índios hoje vestem roupas comuns, estudam em universidades e até se consultam com médicos. O fato de aprender a ler, escrever e “trabalhar” não quer dizer que deixaram ou vão deixar de ser índio. O mesmo vale para um antropólogo que se for estudar um grupo indígena também não perderá sua cultura ou se transformará em índio. Mas, infelizmente devido ao preconceito, a falta de amparo por parte do governo, este mesmo quando auxilia quer controlar e ditar a dinâmica cultural dos índios, impondo as suas regras sociais, constatamos que muitos indígenas não se reconhecem como tal e/ou como descendentes.

Por outro lado, muitos se enganam quando “compram” a ideia de que os índios estão em extinção, pelo contrário, assim como se pode constatar no documentário analisado nesse trabalho, os índios não estão em extinção, mas, em processo de aumento de suas populações, e alguns tentam se unir para lutar em prol de seus direitos. Os Xokó, a exemplo, já recuperaram boa parte de seu território, mas ainda há muitas outras lutas que estes precisam enfrentar a começar pelo preconceito que existe contra o “ser índio” e seus costumes. Citamos como ilustração que durante a viagem de estudos mencionada nos foi oferecido um almoço na

aldeia Xokó, mas, alguns participantes – estudantes universitários – demonstraram repúdio à ideia mesmo que de maneira cômica, pois diziam que não queriam se alimentar de formigas ou “carne humana”.

Consideramos relevante mencionar a ausência de uma unidade da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), tendo esses indígenas que se deslocarem ao estado de Alagoas quando precisam fazer alguma solicitação ou reivindicação às autoridades.

VI - Considerações finais

Não se trata de esquecer o processo histórico pelo qual passaram as sociedades indígenas, o extermínio, à escravidão, os clichês e tantas outras consequências. Isso jamais poderá ser esquecido, pois, são acontecimentos lamentáveis que não podem ser apagados da memória, e nem tão pouco repetidos na história da humanidade. Entretanto, a proposta é fazer uma nova história, trazer à tona a organização sociocultural, as crenças, os comportamentos, as formas de saber-fazer, isto é, as vicissitudes em geral, a partir do olhar e/ou versão dos próprios, pois os índios têm história. São agentes dela e é de extrema importância aclarar isto, simplificar dentro da história européia e dos respectivos desdobramentos é por os indígenas nas entrelinhas do colonizador e esconder toda a magnitude existente nas suas culturas.

Os índios Xokó em Sergipe ainda são vistos de maneira bastante preconceituosa, por isso reconhecemos que há muito a se fazer e a se lutar a fim de que sejam devidamente valorizados. Pois, os continuam Xokó tendo sua identidade questionada devido a terem adquirido características e/ou elementos culturais dos “brancos”. Em defesa de seu povo, seu Raimundo Bezerra Lima ou Pajé Raimundo Xokó disse em entrevista ao Jornal Cinform: “não é a casa de alvenaria que diz quem somos. Isso é pura discriminação de quem vem de fora. O sangue indígena corre em nossas veias”¹⁹.

É relevante ressaltar que na atualidade os Xokó vivem de modo bastante semelhante ao nosso – como visualizamos na viagem de estudos já citada – em casas de alvenaria, praticam futebol, usam motocicletas, bebem coca-cola. Embora, ainda conservem algumas de suas tradições como a coletivização dos bens de seus grupos – como Apolônio afirmou que, por exemplo, as motos eram comunidade e não de um indivíduo, mas que todos podiam usá-las quando fosse necessário – e o mais importante, nas palavras de Apolônio, que é o sentido do “ser índio”.

O nosso grande desafio é ver a cultura do outro a partir de seu imaginário e de sua essência própria, não somos obrigados a aceitar, mas devemos conhecer, até porque a história

destas sociedades em sua predominância é constituída através da oralidade e da construção de objetos materiais, seus patrimônios culturais. Ademais, é importante destacar que ainda hoje não conseguimos superar esse obstáculo, adquirir o respeito é o fundamental para que consigamos superar esse desafio e aguçar o pensamento, à medida que possamos compreender que existe uma mutualidade na nossa formação cultural, afinal de contas fazemos parte de uma única espécie, a humana. Assim, enfatizamos que não se pode julgar o “outro”, é preciso compreendê-lo, pois somente assim poderemos conhecer verdadeiramente o “outro” e aprender mais sobre quem somos nós mesmos.

¹ Trabalho desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, Coordenador do Grupo de Pesquisa “Culturas, Identidades e Religiosidades” – (GPCIR). Universidade Federal de Sergipe.

2 Eduardo Augusto Santos Silva, graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa "Culturas, Identidades e Religiosidades"- (GPCIR). E-mail: eass25@hotmail.com

3 Pablo Renan Silva Campos, graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisa "Culturas, Identidades e Religiosidades"- (GPCIR). E-mail: pablo.marone@hotmail.com

4 LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 75.

5 Cf. Horácio - Epistles I. II. 27.

6 LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 49.

7 _____. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 69.

8 SANTOS, Nelson Pereira dos. *Como era gostoso o meu francês*. Brasil, Manchete Vídeo, Dublado, Colorido, VHS, 1971, 84 min.

9 PEREIRA, Luiz Alberto. *Hans Staden*. São Paulo, Lanfilme Brasil, 1998. 100 min. Com: Carlos Evelyn, Beto Simas, Ariana Messias. Participações Especiais: Claudia Liz e Stênio; Ator convidado: Sérgio Mambert.

10 SCOOT, Ridley. *1492: A Conquista do Paraíso*. DVD Legendado (Inglês), Colorido NTSC, 148 min.

11 CARELLI, Vincent. *Pluralidade Cultural: Uma experiência indígena no Brasil*. TV Escola, Colorido, Documentário, 2000, 117 min.

12 RAMOS, Alcida. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 1986, p. 9-10.

13 SILVA, Aracy Lopes da. *Índios*. São Paulo: Ática, 1988, p. 8.

14 HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*; elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/ Ltda. – 2. Ed. ver. e aum. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2004, p. 278.

15 LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 2003, p. 21.

16 PEREGALLI, Enrique. *A América que os europeus encontraram*. 2. Ed. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987, p. 43.

17 RAMOS, Alcida. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 1986, p.11.

18 _____. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 1986, p.09.

19 SOUZA. Diógenes de. *Índios sergipanos lutam para se manter vivos na história*. Jornal Cinform. Aracaju, 23 a 29/04/2012, Ano XXX, p. 5 e 6. 2012.